

## HOMEM COMO MEDIDA COSMO, HISTÓRIA E IDENTIDADE EM AVALOVARA, DE OSMAN LINS<sup>1</sup>

Regina DALCASTAGNÈ

**RESUMO** *O romance Avalovara, de Osman Lins, é uma profunda discussão sobre a presença do homem no mundo, sua necessidade de saber-se parte do universo, de criar e intervir na História. Este trabalho pretende observar como Abel, o protagonista do livro, vai se construindo como ser humano, com uma identidade própria e uma experiência compartilhada.*

**RÉSUMÉ** *Le roman Avalovara, de Osman Lins, est une profonde discussion sur la présence de l'homme dans le monde, son besoin de se sentir partie de l'univers, de créer et participer dans l'Histoire. Cet article a le but d'observer comme Abel, le protagoniste du livre, se construit comme être humain, avec une identité propre et une expérience partagée.*

As sensações da espécie humana em peso,  
quero-as eu dentro de mim.  
Goethe

Um autor em busca de um texto, uma personagem que sonha habitar o mundo, um homem que sai ao encontro do amor - Abel, o protagonista de *Avalovara*<sup>2</sup>, é três. Multiplica-se através dos conflitos que vive, das possibilidades que acolhe, das mulheres que ama. Intercambiáveis, suas personalidades transitam entre si. Deslizam, sorrateiras, ocupando-se mutuamente. Um pouco como Hermelinda e Hermenilda, em sua perpétua transmigração<sup>3</sup>. Com alguns movimentos, a personagem se faz criador, o homem

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Tese de Doutorado, intitulada "Uma obra em movimento: leituras(s) de Avalovara, de Osman Lins", apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 13 de Março de 1997, sob a orientação da Profª Drª. Vilma Sant'Anna Arêas.

<sup>2</sup> Osman Lins, *Avalovara*. S. Paulo: Melhoramentos, 1973. As referências ao romance serão dadas no texto, com a abreviação *Av* seguida do número da página.

<sup>3</sup> "Vivendo sempre juntas, perderam, distraídas, o controle que exercemos sobre o corpo. Ambas deixam-se invadir e invadem a irmã. Venha uma de brincos ou, em dias mais frios, com um fichu em torno do pescoço. Basta que cruzem no saguão, uma através da outra - e já os brincos mudam de orelhas e o abrigo

criatura, o autor se contamina de humanidade. Ou, invertendo tudo, o homem se faz criador, o autor criatura e a personagem se humaniza. Esta a intenção final - fazer-se homem. Ele é a medida, seja para o escritor, que imagina poder escapar à efemeridade através de sua arte, seja para a personagem, cuja existência depende de sua aceitação.

Ao ser abandonado por Anneliese Roos, na Europa, Abel volta para casa. Em sua bagagem, a memória do percurso e o plano da obra. É um projeto desabitado - o tal poema dedicado ao unicórnio que teria inspirado o romance - algo semelhante à figura de Roos, sempre deserta e um tanto fria, apesar de luminosa. Como criador, Abel precisa povoá-lo de seres, fermentá-lo com toda espécie de vida, até que se possa reconhecer, ali, um mundo. Enquanto criatura, ele tem de tornar esse mundo habitável, fazer com que sua superfície o refugie. Para isso necessita de outros. De seres de ficção, como ele, que possam legitimar sua identidade, que possam salvá-lo “da dualidade, do equívoco e da dúvida”<sup>4</sup>, como dizia Hannah Arendt. Fazer-se homem, então, significa compartilhar um mundo.

Cecília, “portadora de corpos, romã de populações” (Av, 210), é metáfora e condutora desse processo. Sua passagem povoa praias, ruas, enche de inusitada alegria o chalé de Gorda. Desprendendo-se de seu corpo, milhares de seres - velhos, prostitutas, mendigos, lavradores, meninos, operários - espalham-se pela cidade de Recife, ocupando seus lugares nos guichês da estação rodoviária, entre os vendedores de peixe na Praça do Mercado, nas sacadas da rua Bom Jesus, no cais de Santa Rita. O amor de Abel por Cecília abrange seus ocupantes, acolhe-os. É através dela que Abel alcança os homens que busca. Não apenas a consciência do humano, mas os seres mesmos, concretos, inteiros.

Ao aproximar-se deles, Abel se faz homem também, repentinamente ciente de sua condição. Coabitante de um mundo injusto e muitas vezes cruel, ele passa de observador a ator de um processo que precisa ser revertido. Mas, sendo apenas “um homem de letras e livros” (Av, 210), a quem falta “a energia cega dos reformadores” (Av, 211), não consegue se imaginar transformando a história. Por isso escreve, fustigando palavras em vez de consciências: “projeto desesperado e enleante” (Av, 211). Sem saber como agir em sua recém-adquirida condição humana, Abel pensa em retroceder, reinaugurar o mundo na companhia de Cecília e em paz com os bichos<sup>5</sup>. Ela, mais uma vez, o recoloca no chão:

contesta a razão de ser de expressões minhas e faz-me ver quanta coragem há em atingir-se certa espécie de resignação. Devo aceitar o meu estado de banido do Éden. Não inauguramos, eu e ela, um mundo. Mundo algum. Nenhum. Não estamos separados ou isentos do mal. O mal, quinhão e herança, faz parte de nós.

---

de espáduas. Não só os brincos, nem só o abrigo, ou os anéis baratos. As orelhas que elas trazem aparecem em junho nas cabeças opostas; trocam de língua, de voz; seus quatro olhos mudam sempre de órbitas” (Av, 100).

<sup>4</sup> Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 529.

<sup>5</sup> “A síndrome escatológica por excelência, o sinal de que o Tempo e a História chegaram ao fim é o do cordeiro ao lado do leão e da criança brincando com a víbora”. Mircea Eliade, *Mefistófeles e o andrógino*. S. Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 126.

Ao contrário, porém, dos afortunados solitários do Éden, estamos longe de ser protagonistas de alguma fábula de queda e expulsão: nascemos expulsos e caídos. Temos, com isto, a alternativa de aceitar a condição de degredados e realizar, em ações densas de generosidade e de cólera, a nostalgia do Jardim. Por outro lado, as onças hoje só lambem a própria pele. Mas o turbulento globo que habitamos é povoado de homens (Av, 236).

Homens que fazem e que são vítimas da história, homens em direção aos quais Abel se vê impulsionado, e cujos destinos, de repente, passam a estar indissociavelmente ligados ao seu. É sobre esses homens que o Abel escritor tem de falar, é deles que vai nascer o livro, o texto buscado. Abel, ao permanecer em terra firme, opta pela efemeridade da vida humana em contraposição à “eternidade” de sua obra. Os magníficos castelos, as imensas bibliotecas e catedrais européias são agora substituídos pela senhora que passa distraída na rua, pelo pescador de chapéu engraçado, pelo mendigo que caminha ao lado de um cão. Por pessoas que vêm e vão, nascem e morrem a todo instante. Gente que não pode garantir nada, nenhum ato de heroísmo, nenhum gesto de grandeza, talvez sequer uma manifestação de dignidade.

Com “milhões de seres falando por ele, borbulhando e esquentando a sua alma”<sup>6</sup>, Abel passa a perseguir uma escrita que incorpore essas existências, que dê vazão a essas vozes. É um projeto diferente daquele vivido com Anneliese Roos, quando todo o seu espírito se voltava para as expressões máximas da cultura européia. Agora, é a vez dos sentimentos miúdos, das pequenas aspirações, das tragédias cotidianas de uma gente que não faz mais que seguir vivendo, aguardando uma definição qualquer, uma alegria qualquer. Não é menor a surpresa de Abel diante dessas pessoas do que aquela que ele sentia quando desembarcava numa cidade estranha. E é o mesmo amor, ou a mesma angústia, que o faz querer aproximar-se mais e mais, ainda que constrangido pela dúvida.

De personagem de ficção, surgido das sombras, “do princípio das curvas” (Av, 13), Abel se faz homem. Desdobra-se, então, uma história comum aos outros homens. Ele tem um pai, uma mãe, irmãos e padrasto. Até uma ex-mulher ele possui, e amigos - ainda que absolutamente ficcionais<sup>7</sup>. Com esses elementos, forma-se uma teia de relações, que confere a Abel um passado, sem o qual ele não poderia existir de verdade. São eles - parentes, amigos e conhecidos - que legitimam sua identidade<sup>8</sup>, que o fazem único num mundo habitado há milhares de anos e que o tornam igual a todos aqueles que um dia pisaram a superfície da Terra:

---

<sup>6</sup> A expressão é de Vianninha. Oduvaldo Vianna Filho, “Entrevista a Ivo Cardoso”, in *Teatro, televisão, política*. Org. de Fernando Peixoto. S. Paulo: Brasiliense, 1983, p. 178.

<sup>7</sup> Cara de Calo, colega de Abel no banco em que trabalha, Hermelinda e Hermenilda, que o apresentam à Cecília, são personagens desprovidas de materialidade.

<sup>8</sup> A história que Abel escreve, sobre as quatro velhas septuagenárias, depois octagenárias, é justamente sobre a questão da legitimação da identidade.

Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferísse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas<sup>9</sup>.

Segundo Hannah Arendt, é “com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano”<sup>10</sup>, é com palavras e atos que os homens mostram quem são, revelam suas identidades pessoais e singulares. No entanto, “essa qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão *com* outras, isto é, no simples gozo da convivência humana, e não ‘pró’ ou ‘contra’ as outras”<sup>11</sup>. É assim que a personagem Abel se acomoda no território dos homens - ampliando sua rede de relações, familiarizando-se com seres que possuem vida própria, seres para os quais ele pode revelar *quem é*, distinguir-se, ao invés de permanecer apenas diferente<sup>12</sup>.

Ao compartilhar o mundo que habita, Abel não só confirma a sua existência - revelada, através de seus atos e de sua fala, *pelos* outros - como também reconhece em cada ser com que cruza na rua a marca única e inconfundível da individualidade humana. Apenas depois de tornar-se igual Abel pode sonhar em se fazer distinto. Em meio aos homens, ele nasce outra vez, recebe o nome de um tio morto; vira menino, garoto que joga tarrafa numa cisterna em busca de respostas para perguntas intraduzíveis; depois casa-se e em pouco tempo se divorcia; começa a escrever, parte para a Europa atrás de uma Cidade ancestralmente vislumbrada; conhece uma alemã por quem se apaixona, mas é abandonado; então volta, trabalha num banco, convive com a família e de repente se vê invadido por uma mulher carregada de homens, plena de generosidade.

É ela, Cecília, que resgata o passado de Abel, colocando-o em contato com seres entre os quais ele pode ser reconhecido, apresentando-lhe o pai, fazendo-o enxergar os irmãos - primeiro, na antiga alegria de seus instrumentos musicais, depois, na absoluta decadência de suas vidas: “Entre o desastre declarado e a aparência de finalidade, preferem mesmo o desastre” (Av, 175). “Simulacro da memória”, ela se insere desde sempre na história de Abel, presentificando o passado, construindo-o intermitentemente. Abel pode contemplar no corpo dela,

a minha e a sua memória, simultaneamente. As presenças humanas nessas memórias. Como se eu pudesse ver, ouvir, tocar as visões nem sempre nítidas, mas cheias de verdade e nunca fixadas em uma única idade de suas vidas, as visões ou espectros que habitam a memória e têm, junto com os brinquedos outrora possuídos e os lugares onde se viveu, o duvidoso nome de recordações (Av, 196).

---

<sup>9</sup> Arendt, *op. cit.*, p. 188.

<sup>10</sup> Id., p. 189.

<sup>11</sup> Id., p. 192.

<sup>12</sup> Id., p. 189.

Se essas presenças já visitavam Abel na Europa, era apenas como “recordações” que se lhe apresentavam. Não possuíam ainda a força que iriam adquirir junto a Cecília. Na sua linha narrativa, elas crescem, espalham-se, invadem recintos e passam a existir efetivamente, em todas as suas idades. É assim com os doze irmãos de Abel, com a Gorda e o Tesoureiro, com seu pai (que sequer existia como lembrança), com as pessoas que vivem em Recife e Olinda, que viveram ou viverão ali um dia. Todos eles passam de sombras a seres concretos, com planos traídos e derrotas acumuladas. A aparência um tanto ficcional, que o autor os obriga a manter, não lhes tira a concretude de sua substância, nem a dor de seus desenganos.

Arruinados em seu desamparo, os irmãos de Abel se fazem assassinos, prostitutas e rufiões, quando não se perdem sob a mira de um revólver ou se vão pelo “oco do mundo” (Av, 144). Projetos não concluídos? Ou apenas realidades desencontradas? Sentar-se outra vez à mesa com os irmãos que restaram é, para Abel, uma experiência dolorosa, mas necessária. Mudos os instrumentos - “o violino de Cenira, o bandolim de Leonor, o clarinete de Damião, a flauta de Eurílio, o piano *East Coker*” (Av, 144) - sobram o rancor, a rudeza das palavras, o incontido desprezo. Enquanto enferrujam nas gavetas flautas e clarinetes, oxidam-se também vozes e olhares. Desfaz-se em amargura o que um dia foi música e alegria. Mas alguma coisa ainda os liga:

Esses irmãos. Também os outros, os que andam pelo mundo ou morrem desastrosamente, a irmã que pare filhos e enterra-os no quintal, são meus irmãos apenas de sangue? Não nos liga, em nossos desacertos, um projeto comum? Marca-os, talvez, o mesmo impulso obscuro que me move. Com outras formas, porém. Outros nomes (Av, 146).

Abel reconhece neles seu próprio desconforto, sua dificuldade em mover-se pela Terra. Vergado sob a carga de conflitos que transporta, atravessa os dias despejando na balança todos os lados das questões<sup>13</sup>, “achando que só assim posso chegar a uma conclusão não muito distorcida” (Av, 171). Tenta, ainda, explicar o mundo, dar conta de seu absurdo. Com isso, desequilibra os próprios passos, desestrutura a realidade do seu ser. Mas a aprendizagem prossegue e, um dia, já ao lado de ☉, sua consciência se torna mais rebelde, talvez porque se faça mais humana:

Há o tempo em que aspiramos a ser um aferidor equânime das coisas. Queremos, justos, evitar os erros da paixão. Desejaríamos, para julgar os fatos, todas as informações. Chega-se a que, com isto? Como não vi mais cedo que realmente eu não era um juiz? Não quero mais julgar e pouco me importa ter todos os dados na mão. Sou um ninguém, um renegado - e basta. Não compreendo e recuso-me a

---

<sup>13</sup> “As condições de vida dos cassacos nos canaviais são desumanas? Logo me vem que os senhores de terra do Nordeste nunca poderiam pensar e atuar de maneira diferente. Começo a duvidar, porém, que estes meus cuidados tenham alguma coisa a ver com equidade ou que tal gênero de equidade, hoje, seja o mais leal e o mais útil à justiça” (Av, 171-2).

entender os que são meus inimigos. Para mim, nunca têm razão: eu não os justifico (Av, 367).

Quando se nega a aceitar todas as desculpas, a dar o devido peso a todas as versões, Abel está quase pronto como homem. A complexidade de suas opções vai se tornando cada vez maior, mas então ele já possui os elementos necessários para compreender a própria escolha. O que implica em poder de decisão. A trajetória do Abel-personagem é a mesma do Abel-autor - uma vez que são intercambiáveis - por isso, quando um alcança a consciência humana, o outro encontra soluções possíveis para a sua escrita. A partir daí, a Cidade é desvendada, Abel ingressa na História humana, o livro termina... Mas antes disso, ainda há um longo percurso, que se estende - denso - ao longo do romance.

Estar quase pronto como homem significa apenas estar apto a entrar no acelerado processo de transformação humana. É com Cecília que Abel começa a *ser*, é através de sua carne povoada que ele ingressa num mundo cuja maior beleza é abrigar pessoas que não foram terminadas, pessoas que aguardam outras para dar contorno à sua existência. Começar é nascer, brotar na Terra como algo novo, “capaz de realizar o infinitamente improvável”<sup>14</sup>. Em suma, começar é dar início à criação. Isto porque o início de um homem é sempre o início de um iniciador<sup>15</sup>. A criação, aqui, se desdobra na possibilidade de milhões de outras obras. Afinal, o homem é um ser que cria e se cria, que age e narra sua criação:

A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras; e, embora o ato possa ser percebido em sua manifestação física bruta, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante através da palavra falada na qual o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer<sup>16</sup>.

Osman Lins dizia ver na “palavra escrita o fio de prumo, a única coisa a ajudar o homem a se orientar no desconcerto deste mundo. Escrevendo ou lendo, o homem vai ser ajudado a encontrar o seu centro”<sup>17</sup>. Por isso, a palavra é tão importante para Abel - ela nomeia e revela, a si e aos outros. Assustado com sua incapacidade de agir, ele escreve, tenta expor sua angústia e a daqueles que o cercam, procura o tom exato para se fazer entender num mundo embrutecido, num mundo que o repugna e encanta. Sem saber, ele age. Se é válido seu esforço, se alguma coisa se transforma sob o toque de sua pena, já é um outro problema. Ele mesmo põe em dúvida se o trabalho assistencial desenvolvido por Cecília (que estaria muito mais próximo da idéia vulgar de ação) faz algum sentido: “Nem, ao menos, sei dizer com segurança se a profissão que você exerce, fraterna e retificadora, é mesmo adequada à realidade que vivemos. Ela pode dar um sentido à sua vida. Mas verdadeiramente, tem sentido hoje?” (Av, 211).

---

<sup>14</sup> Arendt, *op. cit.*, p. 191.

<sup>15</sup> Ver *id.*, p. 190.

<sup>16</sup> *Id.*, p. 191.

<sup>17</sup> Osman Lins, *Evangelho na taba*. Org. de Julieta de Godoy Ladeira. S. Paulo: Summus, 1979, p.

Ainda assim, sem certezas e maculado pela desconfiança, Abel persegue um projeto que faça, a ele e àqueles com quem compartilha o mundo, mais humanos (nas duas acepções da palavra). Ao se dar conta do mal que percorre a Terra, pensa, primeiro, em retroceder, retornar ao Paraíso; depois, assume o fato de ser posterior a Caim, de estar, ele também, contaminado pelo ódio. Só lhe restaria então invocar os versos indignados de Camões:

No mar tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida;  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade avorrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?<sup>18</sup>

Ou, como o Fausto de Goethe, se propor a recolher em si toda a mágoa e alegria da espécie humana, “assim me torno/eu próprio a humanidade, e se ela ao cabo/perdida for, me perderei com ela”<sup>19</sup>.

No fim das contas, sendo o homem “um bicho da terra tão pequeno”, fadado à morte e à dor, por que tamanho empenho de Abel para assumir-lhe as feições? Talvez porque resida no homem a possibilidade de começar algo novo, de fazer o imprevisível, realizar o impensável. Esse o grande fascínio para uma personagem que se pretende criadora. Começar algo é criar, dar ordem ao caos, seja lutando com dragões, seja brigando com palavras. A disputa entre forças contrárias é inerente a todo começo, uma vez que o novo “sempre acontece à revelia das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre”<sup>20</sup>.

Esse “milagre” pode ser a origem da vida na Terra ou de uma obra imprevista. Abel tenta se inserir neste momento, fazer parte dele. Mas está sempre preso num instante antes ou depois. Não é Adão, o primeiro homem, nem Caim, o que erigiu cidades. Como Abel, o que foi morto pelo irmão, ele está fora da história - é apenas uma vítima da preferência de seu deus (ou de seu autor). Para retomar sua existência, ele primeiro tenta o trajeto de Caim (quando sai em busca da Cidade), depois vai ao encontro dos homens (para resgatar sua identidade) e, por fim, substituindo Adão, renomeará o mundo (fabricando seu próprio começo).

---

<sup>18</sup> Luís de Camões, *Os lusíadas*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1990, p. 64.

<sup>19</sup> Cit. in Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 50. Os tradutores da obra de Berman usaram a versão portuguesa de Antônio Feliciano de Castilho. Na tradução de Jenny Klabin Segall, os versos tomam a forma - bem menos feliz - de “destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio Ser/E, com ela, afinal, também eu perecer”. Cf. Goethe, *Fausto*. Belo Horizonte: Itatiaia; S. Paulo: Edusp, 1981, p. 85.

<sup>20</sup> Arendt, *op. cit.*, p. 191.

Com Cecília, que é homem e mulher - hermafrodita - Abel chega às portas da Criação, mas permanece do lado de fora. Andrógina, ela é o ancestral mítico da humanidade, “sinal distintivo de uma totalidade na qual todas as possibilidades se encontram reunidas”<sup>21</sup>. Está entre o criado e o incriado. Por um lado, ela é Adão, que em inúmeras tradições é concebido como andrógino; por outro, se liga às forças do Caos, da totalidade anterior à Criação.

Essas concepções entram em nossa tradição através de Platão e seus seres esféricos, as primeiras criaturas a habitar o mundo. Com o dorso redondo, quatro mãos e quatro pernas, dois sexos e uma única cabeça com dois rostos opostos um ao outro, eles teriam afrontado os deuses com sua presunção. Como castigo, foram cortados ao meio e condenados à separação:

A cada um que cortava mandava Apolo voltar-lhe o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte, a fim de que, contemplando a própria mutilação, fosse mais moderado o homem, e quanto ao mais ele também mandava curar. Apolo torcia-lhes o rosto, e repuxando a pele de todos os lados para o que agora se chama o ventre, como as bolsas que se entrouxam, ele fazia uma só abertura e ligava-a firmemente no meio do ventre, que é o que chamam umbigo. As outras pregas, numerosas, ele se pôs a polir, e a articular os peitos, com um instrumento semelhante aos dos sapateiros quando estão polindo na forma as pregas dos sapatos; umas poucas ele deixou, as que estão à volta do próprio ventre e do umbigo, para lembrança da antiga condição<sup>22</sup>.

Este é só um exemplo em meio a toda uma linhagem de mitos sobre a unidade perdida e ansiosamente procurada. O Adão dos textos rabínicos - a um só tempo feminino e masculino - tem destino muito semelhante. “Adão e Eva estavam feitos de costas, unidos pelos ombros, então Deus os separou com uma machadada, cortando-os em dois. Outros são de outra opinião: o primeiro homem (Adão) era homem do lado direito e mulher do lado esquerdo; mas Deus fendeu-o em dois”<sup>23</sup>. Tal como os atormentados seres de Platão, Abel procura sua outra metade. Quando a encontra, em Cecília, a reunião dos dois pedaços o leva de volta aos textos rabínicos - juntos, ela permanece sendo o lado esquerdo, enquanto ele é o direito:

“Cecília e eu, ajoelhados, somos um. Seus, no corpo que formamos, perna e braço esquerdos; meus o braço direito, a perna direita; duas as nossas cabeças; subsiste um seio, o esquerdo, em nosso busto. A mão direita segura a mão esquerda. Voltam-se nossas cabeças, frente contra frente” (Av, 288).

Ao unir-se a ela (que já é completa em si, representação do humano), Abel estaria retornando ao momento da Criação e, sem saber, precipitando uma nova Queda. Ele, ali, é um elemento estranho, invasor, sempre prestes a ser afastado. A morte de Cecília, tantas vezes anunciada, é uma espécie de sacrifício. E como “qualquer sacrifício, por sua

---

<sup>21</sup> Eliade, *op. cit.*, p. 115.

<sup>22</sup> Platão, *O banquete*, 191a.

<sup>23</sup> *Bereshit rabba*, cit. in Mircea Eliade, *Tratado de historia de las religiones*. México: Era, 1982, p.

vez, é a repetição do ato de Criação”<sup>24</sup>, sua morte equivale à vida para Abel. Destruída, partida como a “romã de populações” que um dia fora, Cecília libera os entes que a habitavam, libera a existência de Abel, que nasce em cólera no lugar do filho que esperavam. Vai-se, então, o tempo da unidade - começa, mais uma vez, a história do homem.

---

<sup>24</sup> Mircea Eliade, *Mito do eterno retorno*. S. Paulo: Mercuryo, 1992, p.22.